

boletim

APUFSC

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SEÇÃO SINDICAL DA ANDES – FILIADA À CUT

FLORIANÓPOLIS
24 A 28/12/2001

389

Domingo na UFSC ou de quando não fomos dar pipoca aos macacos

Danuzia Meneghello,
professora
do Colégio de Aplicação

Em solo público, onde se luta pela gratuidade, florescem e não fenecem as espécies privadas, exóticas por sua voracidade.

Domingo ao reverso. Não foi dia de descanso, mas de ânsia. E para alguns de abundância, pois bem alimentados levavam no seu farnel: caneta, água, lápis, chocolate e *outras cositas más...*

Inigualável espaço que deixa tudo transparecer, retrato exato de contrastos, contra sentidos, falácia sobre igualdade de condições.

Três dias que faixas ao vento, viraram bandeiras soberanas comprovando como era insana a proposta — anedota de adiar o vestibular.

Então no cenário montado, nesse espetáculo de três atos impera o verdadeiro ator: cursinhos pagos, privados, atuando com total desenvoltura.

E pelas salas uma profusão de sons. Não apenas o rascar da caneta, o suspiro isolado, mas o *crecrocroc*, *resgrasg*, *grunchgrunch* de uma comilança incessante, fornecida de graça pelos atores de plantão.

Sim, instalado a muito foi o circo, as tais condições técnicas eram essas: ingressos todos vendidos, espaços alocados, salas reservadas. Como, pois, querer trocar as partituras, as falas, se no picadeiro mestres do ilusionismo arreganhavam os dentes e fingiam sorrir. Arditos palhaços.

Na COPERVE já estava tudo ensaiado, afinal é uma comissão permanente que mantém essa fundação do vestibular.

E foi tudo um sucesso: casa cheia, o reitor dando o ponto, tudo bem ao sol. Multicolorido o campus e o profano território, maliciosamente, dolorosamente esfolado, purgando de suas entranhas, a hipocrisia, seiva bruta que impera por aqui.

Os significados da greve

Reinaldo Matias Fleuri
e Christian Janiaké
Núcleo MOVER/CED/UFSC

A greve que se encerra junto com o ano de 2001 trouxe mudanças marcantes na UFSC. Sentia-se, desde o início, a necessidade de se realizar uma greve “diferente”. Mas diferente em quê?

No início do movimento, predominava um descrédito na possibilidade de ganhos salariais e melhorias profissionais. Era este o saldo das experiências de greves anteriores. Nesse aspecto, a greve surpreendeu ao se encerrar em 7 de dezembro com evidentes conquistas. Mas não foi apenas esta a diferença em relação às greves anteriores. Do ponto de vista político, notou-se avanços significativos, tanto quanto à unificação das categorias em greve, quanto ao caráter democrático da condução do movimento grevista. Além disso, emergiram durante o processo de mobilização inúmeras atividades de caráter cultural, assim como iniciativas pessoais e grupais, que configuraram a densa trama de relações que deu sustentabilidade ao movimento durante 108 dias.

Estas considerações resultam da pesquisa realizada no decorrer da greve pelo núcleo Mover/CED, sobre os sentidos da vida acadêmica e, em particular, do movimento grevista. A análise dos depoimentos colhidos entre integrantes da UFSC indicou três sentidos relevantes, que motivam atividades e relações interpessoais no ambiente acadêmico.

O interesse profissional é uma motivação determinante para os universitários, tanto para os professores e servidores, que fazem carreira dentro da universidade, como para os estudantes, que se preparam para ingressar no mercado de trabalho. Outro foco de aglutinação no cotidiano da vida universitária, indicado pela pesquisa, é a busca de convi-

vência entre amigos, ligados por afinidades pessoais e por interesses culturais. O terceiro sentido configurador de grupos de pertença no campus é a militância, em diferentes ações de caráter político.

Essas três dimensões relacionais (profissional, cultural e política), atuam simultaneamente e se sustentam mutuamente. A análise que fizemos indica que a resistência e o êxito político do processo de mobilização, se deveu em grande parte à coesão construída pelas atividades culturais e pela intensificação de relações interpessoais durante a greve. Uma vez conquistado o atendimento à reivindicações trabalhistas, o desenvolvimento cultural e educacional produzido pela greve entre os servidores, estudantes e professores, poderá produzir mudanças significativas no cotidiano da universidade.

Nesse sentido, parece importante, do ponto de vista da organização política dos integrantes da universidade, implementar ou mesmo criar atividades e processos que viabilizem a interação e a cooperação entre estudantes, professores e servidores. Um grande desafio parece o de enfrentar a separação entre servidores técnico-administrativos e professores, assim como o isolamento dos professores em suas áreas departamentais e seu distanciamento em relação às atividades universitárias dos estudantes. Iniciativas como grupos de estudo, atividades de pesquisa e extensão, eventos culturais e políticos, entre outros, parecem revelar este potencial aglutinador de pessoas das diferentes categorias universitárias. Além de efeitos educativos, tais processos podem ter implicações políticas importantes para continuar desenvolvendo o potencial de resistência e de luta dos universitários.

Veja o relatório completo da pesquisa no endereço eletrônico www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/grevelatorio.htm.